



Opostos. Casas de classe média alta ao lado da comunidade Tijuquinha, na Barra; no Rio, os 10% mais ricos detêm 51,8% da renda, enquanto os 50% mais pobres ficam com 10%

O desafio de unir o Rio

EXCLUSIVO O prefeito que assumir em 1º de janeiro de 2017 terá, entre seus desafios, de lidar com a crônica desigualdade do Rio, conta CÁSSIA ALMEIDA. Na Cidade Maravilhosa, os 10% mais ri-

cos detêm 51,8% da renda, enquanto os 50% mais pobres ficam com 10,7%, de acordo com estudo de Marcelo Neri, da FGV Social, com base nos censos de 1970 a 2010. Para unir a cidade, especi-

alistas apontam alguns caminhos, como aproveitar a vocação do Rio para saúde e esportes, especialmente agora, com a estrutura olímpica. E o setor do petróleo continua forte. **PÁGINAS 35 a 37**

OS CAMINHOS PARA UNIR O RIO

Metade mais pobre dos cariocas detém só 10,7% da renda. Concentração aumentou em 40 anos

CÁSSIA ALMEIDA

cassia@oglobo.com.br

A partir de 1º janeiro de 2017, o novo prefeito do Rio terá um desafio histórico: a crônica desigualdade da Cidade Maravilhosa, que faz os 10% mais ricos concentrarem 51,8% da renda, enquanto os 50% mais pobres ficam com 10,7%. Em 1970, essa apropriação da renda era de 43,9% para o topo da pirâmide e de 14,2% para a base. Há formas de avançar no caminho de um Rio mais igual, dizem especialistas, mudando a imagem da Cidade Partida, retratada pelo escritor Zuenir Ventura em 1994. Eles citam a vocação natural de saúde e esportes, o setor de óleo e gás, que, mesmo com a crise da Petrobras, é força econômica, e aproveitar o número menor de crianças para investir em estudo em tempo integral e nos jovens.

O economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social, que estudou o Rio de Janeiro ao longo de quatro décadas e constatou o aumento da desigualdade de 1970 a 2010, vê potencial na cidade, explorando o envelhecimento da população carioca. A proporção de idosos acima de 65 anos mais que dobrou no período, passando de 4,9% para 10,5%. Para o economista, o Rio poderia ser a Flórida brasileira, uma capital de saúde e esportes, aproveitando os investimentos em infraestrutura para as Olimpíadas.

Entre as 27 capitais, o Rio tem a segunda maior parcela de renda da Previdência (25,4% da renda total). Segundo Neri, 92,1% dos benefícios são maiores que o mínimo.

— O Rio pode virar a capital da saúde, onde medicina, qualidade de vida e esportes, dada a infraestrutura olímpica recém-instalada, têm lugar privilegiado. Também podemos aproveitar que a parcela de crianças vem caindo para melhorar a educação.

Apesar da desigualdade, o Rio ostenta qualidade de vida maior que o Brasil. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) da cidade é de

0,799, maior que o do Brasil, que é de 0,727. Nesse indicador, quanto mais próximo de 1, melhor a qualidade de vida, medida por renda média, educação e expectativa de vida.

A economista Hildete Pereira de Melo, professora da UFF, diz que o petróleo ainda é uma força no Rio:

— O petróleo ainda é uma questão importante. Não é uma carta fora do baralho. Há um polo tecnológico importante que foi montado.

Pelo estudo exclusivo do economista, diferentemente do Brasil, onde a desigualdade aumentou entre 1960 e 1970, os primeiros anos da ditadura militar, no Rio esse movimento se deu mais nos anos 1970 e 1990. Os 10% mais ricos ganhavam, em 2010, 21,8 vezes mais que os 10% mais pobres. Em 1970, a relação era de 14,52 vezes.

A partir de 2011, o caminho na direção de uma sociedade mais justa começou a ser trilhado, e a desigualdade passou a recuar lentamente. No Brasil, a distribuição de renda melhorou a partir de 2001.

A boa notícia é que, apesar de a desigualdade permanecer alta, não está subindo como no Brasil, nos últimos trimestres. O país amarga dois anos de recessão forte, com aumento rápido do desemprego e piora na distribuição de renda:

— A desigualdade brasileira sobe nos últimos dois anos, e a do Rio fica estável.

Os eventos esportivos blindaram o Rio da crise brasileira. Enquanto o rendimento do trabalho no país caiu 5,54% no segundo trimestre de 2016, frente ao mesmo período do ano passado, no Rio, ainda permanecia subindo 7,4%, diz Neri.

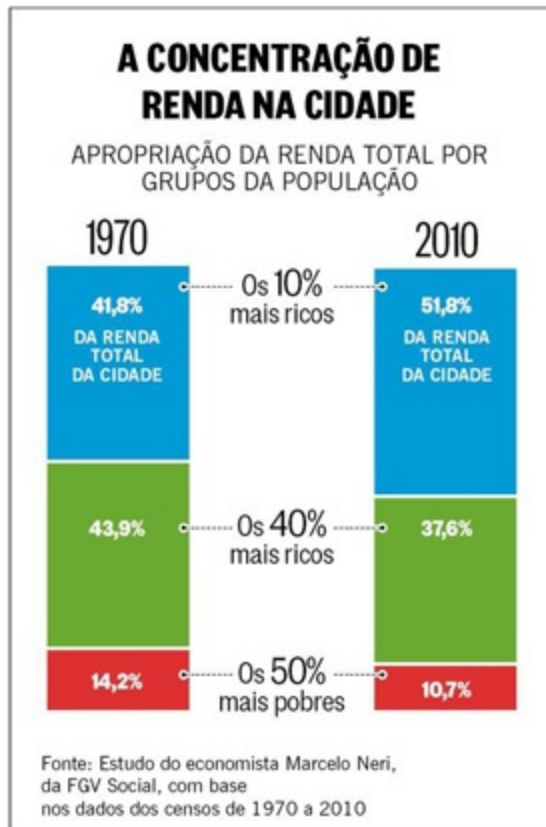
O economista Manuel Thedim, do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets), diz que, a curto prazo, o Rio vai sofrer:

— Não tem caminho bonito a curto prazo. Do mesmo jeito que as Olimpíadas foram um amortecedor para a crise, o fim dos Jogos vai corrigir essa direção. Mas o lado positivo é que o Brasil está parando de piorar, o que pode ajudar o Rio.



IMAGENS DO RIO DESIGUAL

Pelas lentes do fotógrafo Custódio Coimbra
glo.bo/2cZRJu7



Na perspectiva histórica, Hildete diz que o Rio perdeu muito economicamente nesses 40 anos, com as indústrias indo para São Paulo, levando o centro financeiro a reboque:

— Perdemos indústria para São Paulo e para a Zona Franca de Manaus. Tínhamos aqui um polo eletroeletrônico que migrou para a Zona Franca, criada em 1967, levando os bons empregos. Isso sem falar no setor naval. Com a crise, veio um desemprego enorme.

Thedim oferece outra explicação para a desigualdade na cidade. Ao analisar os dados mais recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de

Domicílios Contínua (PnadC), do IBGE, observou a dificuldade dos cariocas menos escolarizados em manter sua renda, enquanto aqueles que têm mais de 12 anos de estudo conseguem proteger os ganhos ou perder menos em momentos de recessão. Um dos motivos para essa disparidade é a alta concentração, na capital, de servidores públicos e aposentados, que conseguem preservar a renda.

— O Rio tem escolaridade maior que a do resto do Brasil. E os mais ricos conseguiram proteger a renda diante da crise extraordinária na década de 1980. Os mais pobres sofreram mais.

TRANSFERÊNCIA DE RENDA MAIOR A PARTIR DE 2011

Neri constatou que o avanço educacional foi menor para os cariocas pobres do que para a média brasileira entre 2001 e 2011, o que também ajuda a explicar por que o Brasil distribuiu melhor a renda desde 2001. No país, a escolaridade cresceu 2,32% ao ano de 2001 a 2011, contra 1,3% no Rio.

Os programas de transferência de renda também só começaram a vir com força para a cidade a partir de 2011, afirma o diretor da FGV Social:

— Um dos fatores por trás da redução da desigualdade brasileira foi a implementação de programas como Bolsa Escola e, depois, Bolsa Família, a partir de 2000. O Rio ficou fora desse movimento inicialmente, pela sua renda mais alta e, depois, por afastamento entre níveis de governo. Houve um esforço de cadastramento local no Bolsa Família, e, a partir de 2011, foi adotado o Cartão Família Carioca. A renda dos mais pobres, que não aumentou no período de 2001 a 2011, passou a crescer com as transferências.

Neri lembra a frase do economista André Urani, um estudioso das questões do Rio, morto em 2011, que traduz a distância social em terras cariocas:

— Ele dizia que, no Rio, bastava atravessar uma rua para o IDH mudar. ●

Pobreza crônica na Zona Portuária, na página 36



Contrastes. Vista do Pavão-Pavãozinho, em Copacabana: a desigualdade no Rio avançou mais nos anos 1970 e 1990. Recentemente, os investimentos nos eventos esportivos blindaram a cidade da crise brasileira, e a renda do trabalho subiu

POBREZA CRÔNICA NA ZONA PORTUÁRIA

Região tem 18,2% dos moradores com renda de até R\$ 206

CÁSSIA ALMEIDA
cassia@oglobo.com.br

A Zona Portuária do Rio sofre de uma pobreza crônica e é a mais pobre entre os bairros que já existiam em 1970. Botafogo aparece com a menor parcela de lares onde a renda domiciliar per capita é de até R\$ 206, com 2,7%. Reunindo os bairros de Caju, Gamboa, Saúde e Santo Cristo, a Zona Portuária já teve parte da região revitalizada, com o VLT, o Boulevard Olímpico e a reurbanização do entorno, mas, até 2010, pouco avançou no combate a uma das chagas brasileiras, que tem caído muito nas últimas décadas no Brasil: a pobreza. A região somava 18,2% de pobres em 2010. Há 40 anos, eram 23,4%.

O diretor da FGV Social, Marcelo Neri, fez um recorte para analisar historicamente os diferentes bairros do Rio. Estudou os que já existiam em 1970 e viu como avançaram os indicadores sociais, isolando fatores como migração.

REVITALIZAÇÃO RECENTE

Naquela época, em 1970, Santa Cruz, Anchieta, Penha, Ramos, Campo Grande, Bangu e Jacarepaguá tinham renda mais

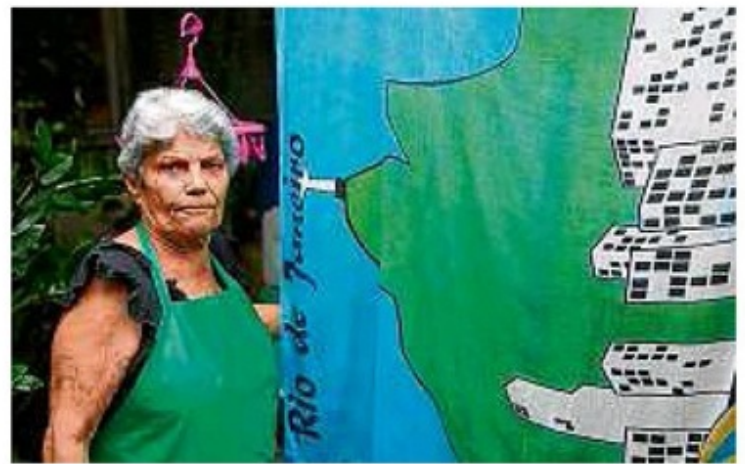
baixa que a Zona Portuária. Em 2010, ela passou a ser a mais pobre. Era um período em que o Complexo do Alemão praticamente não existia, e a Rocinha estava incluída no bairro da Lagoa. A Barra da Tijuca tinha pouco mais de cinco mil moradores.

Mesmo incluindo regiões que não existiam naquela época, a Zona Portuária aparece com o maior índice de pobreza. Só perde para Jacarezinho, que tem 19,3% de pobres. Nesse recorte, o conjunto de bairros ao longo do Porto divide o segundo lugar com o Complexo do Alemão, em mais um desafio que se apresenta para o próximo prefeito do Rio.

— É uma pobreza crônica, mudou muito pouco em 40 anos — afirma Neri.

O estudo, feito com dados do Censo Demográfico de 2010, o mais recente, ainda não incorporou os efeitos do processo de revitalização da Praça Mauá.

A região recebeu VLT e museus, e os moradores deixaram de conviver com a Perimetral. Mas a violência urbana ainda



'FALTA COMÉRCIO AQUI. TIRARAM NOSSO SUPERMERCADO'

A costureira aposentada Maria Carvalho de Almeida diz que aprovou o VLT e o Teleférico, mas se ressentida da falta de um comércio mais diversificado. Ela mora no bairro desde 1976, juntamente com a irmã Erotilde

preocupa. Nos morros da Providência, têm acontecido tiroteios, mesmo com a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), que chegou em 2010.

— Meu pai tem bar aqui no Santo Cristo há 50 anos. Pela primeira vez, fomos assaltados — contou Cláudio Leonardo Lopes Mendes, que tem a lanchonete na via por onde passa o VLT.

Ele vê muitos avanços no bairro onde cresceu ajudando o pai no bar, mas diz que a recessão atual está freando as melhorias:

— As pessoas conseguiram comprar carro, casa, mas agora está difícil manter isso.

Mendes ressalta que, para a revitalização se concretizar de verdade naquela região da Zona Portuária,

é preciso atrair mais comércio para o local, como bancos e supermercados:

— Os preços dos aluguéis subiram muito, e está ficando inviável vir para cá.

FALTA DE SERVIÇOS

A costureira aposentada Maria Carvalho de Almeida, de 78 anos, mora no bairro desde o

fim dos anos 1970. Juntamente com a irmã Erotilde, viveu as mudanças na região. Aprova o VLT e o Teleférico da Providência, inaugurado em julho de 2014, mas reclama, assim como sua irmã, da falta de comércio variado no bairro:

— O único supermercado que existia na região fechou recentemente. Para ir ao banco, precisamos nos deslocar para a Rodoviária.

Tamara Correia da Silva, que tem cinco filhos — Isaac, de 10 anos, Larissa, de 8, Miguel, de 5, Thales, de 3, e Agatha, de 8 meses —, diz que a vida está melhor do que na sua infância. Ela, que tem 26 anos, sempre morou no Santo Cristo. Atualmente, ela mora na casa da mãe, de dois quartos, junto com as crianças, o marido e uma irmã. O marido de Tamara perdeu o emprego de segurança e vive de pequenos serviços de limpeza e de eletricitista. Os R\$ 240 do Bolsa Família ajudam. Tamara teve que parar de estudar quando engravidou de Isaac, mas pretende voltar. Sobre os planos para o futuro, ela responde:

— Já passei muita dificuldade, o que mais quero é que meus filhos possam estudar e ser alguém na vida. ●



AS FOTOS DA
CIDADE PARTIDA
Imagens aéreas mostram a desigualdade na cidade
glo.bo/2dq5YGN

Artigo

Em Botafogo, vila dá lugar a condomínio

PAULO THIAGO DE MELLO
paulothi@oglobo.com.br

Não surpreende o fato de Botafogo ser hoje o bairro com o menor índice de pobreza. Nas duas últimas décadas, seu perfil demográfico mudou, tangido por uma aguda substituição de população, processo que alguns cientistas sociais e urbanistas cha-

mam de gentrificação. Trata-se de uma mudança estimulada por políticas públicas, expansão econômica, mudança da lei do inquilinato e o apetite voraz do setor imobiliário.

A partir do início dos anos 2000, antigas vilas, sobrados e prédios antigos deram lugar a uma profusão de "condomínios exclusivos" e autossuficientes, que passaram a abrigar uma população de renda superior à da média da popula-

ção que já vivia ali. Os hábitos dos novos moradores estimularam mudanças culturais, de consumo e de usos dos espaços públicos e elevaram o custo de vida na região.

As formas de habitação coletiva, como vilas e sobrados, deram lugar a apartamentos modernos para solteiros ou famílias nucleares, como mostram dados do último Censo.

A gentrificação mudou o perfil do bairro, expulsando velhos

residentes e o comércio de proximidade tradicional. Assim, oficinas, botequins e barbeiros, por exemplo, são substituídos por versões chiques e mais caras.

A heterogeneidade social do bairro vai aos poucos diminuindo. Botafogo hoje deixou de ser um bairro de passagem e passou a integrar a Zona Sul carioca, embora ainda se possam ver vestígios de um passado recente. ●

FOTOS DE CUSTODIO COIMBRA



'SER ALGUÉM NA VIDA', SONHO PARA OS FILHOS

Tamara Correia da Silva parou de estudar quando ficou grávida do primeiro filho, Isaac, de 10 anos. O marido dela perdeu o emprego e vive de serviços de limpeza. A esperança é que os filhos tenham uma vida melhor.

AVANÇO SOCIAL EM BOTAFOGO

**Total de pobres encolhe
a 2,7% com presença de
classe média e menor
desigualdade**

CÁSSIA ALMEIDA
cassia@oglobo.com.br

— Quando cheguei aqui, aos 9 anos, vindo de Crateús, no interior do Ceará, olhava para cima e só via casinhas de madeira. Hoje, o morro está colorido. Agora, a gente só vê casa de tijolo e colorida — compara a guia turística Salete Martins, que chegou ao Morro Santa Marta, em Botafogo, no fim dos anos 1970.

A região, que inclui Botafogo, Catete, Cosme Velho, Flamengo, Glória, Humaitá e Laranjeiras, é a que tem menos pobres na cidade. Eram 2,7% em 2010. Quarenta anos antes, houve um avanço social importante. Em 1970, os pobres correspondiam a 7% da região. Mesmo quando se inclui os bairros mais novos, que nasceram depois de 1970, Botafogo permanece com menos pobres. Dentro da Zona Sul, exibiu o melhor desempenho social. Segundo Marcelo Neri, da FGV Social, a menor desigualdade explica o resultado da região:

— É um dado consistente. Vem desde o Censo 2000, pelo menos. O resultado não se deve à renda, onde Lagoa e Barra apresentam níveis maiores, mas à menor desigualdade. Botafogo é mais homogênea, lugar mais de classe média que Lagoa e Barra.

Copacabana viu a pobreza cair de 6,3% para 5,4%, um resultado pequeno para um período de 40 anos:

— Copacabana, que era o bairro dos jovens em 1970, envelheceu. Tinha 28% da população entre 15 a 29 anos, e agora essa parcela caiu para 16%. A população está envelhecendo, e isso tende a gerar uma certa estagnação, principalmente nos últimos anos, de economia ruim.

Na Lagoa, que no século passado incluía a Ro-

cinha, também não houve um recuo grande na pobreza. Atualmente, são 8,8%. Em 1970, eram 8,1%. Essa região engloba também outros bairros, como Ipanema, Leblon, Gávea, Jardim Botânico, São Conrado e Vidigal.

PACIFICADO, MAS AINDA COM ESGOTO A CÉU ABERTO

Segundo Salete, a situação começou a melhorar no Santa Marta a partir de 2003, com a urbanização e melhoria dos becos e vielas e o colorido dado às casas, numa parceria com uma fábrica de tintas:

— Mas ainda há esgoto a céu aberto ao lado do Plano Inclinado.

O bondinho chegou em 2008, um pouco antes da instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Suavizou a subida íngreme do morro. A comunidade, que é modelo de pacificação, viu os preços dos imóveis dispararem. Uma casa que poderia custar R\$ 15 mil já é vendida por R\$ 140 mil, diz José Mário Hilário dos Santos, no quarto mandato à frente da Associação de Moradores do Santa Marta, onde vivem mais de cinco mil pessoas.

— A favela é modelo de pacificação, porque há outras secretarias atuando na comunidade. Fizemos a regularização fundiária de mais de 400 imóveis. Conseguimos água encaçada com tarifa social de R\$ 25.

O maior problema, segundo Santos, é o pagamento da energia. Não há tarifa social para o serviço, o que onera igualmente a todos, do barraco de madeira à casa de dois andares. O local recebe cerca de dez mil turistas por mês, diz Santos, mas a insegurança começou a voltar. Em março, houve tiroteio no local.



GRÁFICO

ANIMADO

Um passeio
pelos números
que marcam
o Rio

glo.bo/2dsvHRN

A empresária Elaine Cruz mora em Botafogo há oito anos com o marido, Leonardo Bottino, a filha Maria Eduarda, de 4 anos, e o enteado Breno, de 22 anos. Procurou o bairro para comprar um imóvel maior e com mais conforto. O marido, engenheiro da Petrobras, é nascido e criado na região, o que também atraiu a família.

— Vimos uma mudança significativa no comércio, com mais lojas, restaurantes e consumo de maneira geral. O número de edifícios novos triplicou, e muitos são de luxo — conta Elaine.

A desigualdade marcante do Rio também é vista a olho nu no bairro, diz Elaine. Vilas humildes ficam lado a lado com os novos prédios de luxo, com piscinas e áreas de lazer, que invadiram Botafogo nos últimos anos.

— Ainda há vilas de casas tão humildes, que, visivelmente, vivem com dificuldade — afirma Elaine, acrescentando que se considera uma privilegiada. — Faz muita diferença ter água encanada e não ficar sem luz quando há conflito no morro. Ou ficar sem lâmpadas e geladeira no calor do Rio de Janeiro. E isso tudo acontece bem próximo da gente.

POBREZA CAIU MAIS NA ZONA OESTE

No estudo, Neri verificou que a pobreza só diminuiu com força nos bairros da Zona Oeste. Em Santa Cruz, que tinha quase a metade da população na pobreza em 1970 (45,2%), agora tem 17,8%. Ainda entre as maiores taxas da cidade, mas o avanço foi inegável. Campo Grande também deu um salto. Saiu de 39,3% de pobres para 11,5%. O mesmo aconteceu com Jacarepaguá: reduziu a pobreza de 30,3% para 7,1%. ●



'PRÉDIOS DE LUXO E VILAS HUMILDES'

A empresária Elaine Cruz e o marido, o engenheiro Leonardo Bottino, escolheram Botafogo para morar há oito anos e viram a mudança no perfil do bairro, com mais prédios de luxo e comércio diversificado



'DE BARRACOS DE MADEIRA PARA CASAS COLORIDAS'

A guia turística Salete Martins chegou ao Santa Marta no fim de 1970. Surpreendeu-se com as casas de madeira. Hoje, comemora a primeira viagem de férias com a família para o Ceará, seu estado natal

NA COMPARAÇÃO COM A PERIFERIA, A EVOLUÇÃO DA CAPITAL É MENOR

O economista Marcelo Neri, em seu estudo sobre a evolução histórica do Grande Rio durante quatro décadas, constatou que a capital fluminense, apesar de estar em patamar de qualidade de vida superior ao dos seus vizinhos, perde na evolução dos indicadores. Com isso, a parcela de pobres ficou mais próxima entre a capital e a periferia. No Rio, são 9,97% de famílias onde a renda domiciliar per capita é de R\$ 206 mensais. Nas demais cidades da Região Metropolitana, a taxa alcança 12,9%. Em 1970, o entorno, na média, tinha 40,9% de pobres; o Rio tinha 21,3%.

Mas a renda na capital subiu mais: 182% em 40 anos. No restante da Região Metropolitana, aumentou 151%. Portanto, somente a piora na distribuição de renda explica esse desempenho da capital abaixo do da periferia no combate à pobreza, diz Neri.

De 1970 a 2010, o rendimento dos mais ricos avançou com força no Rio em comparação com o desempenho da periferia. Os ganhos dos 20% no topo da pirâmide aumentaram 15% mais do que os rendimentos daquelas pessoas com a mesma faixa de renda na periferia. Já os 10% mais pobres cariocas ganharam 26% menos que os de renda mais baixa das outras cidades do Grande Rio.

— Na época do Plano Real, a pobreza e a desigualdade caíram, mas foi transitório. O aumento de renda em 40 anos (1970-2010) foi parecido entre capital e demais municípios da Região Metropolitana do Rio, mas com brutal aumento de desigualdade dentro da cidade, o que fez a pobreza cair menos. A marca dos últimos anos não foi a redução da desigualdade. A mudança da capital e a crise das metrópoles nos anos 1990 podem explicar em parte esse comportamento — afirma Neri.

Na comparação com outros municípios da Região Metropolitana, o Rio perde no avanço

do saneamento, na renda domiciliar, no acesso à casa própria e ao carro, e na frequência escolar de 5 a 14 anos. A análise dos dados para em 2010. Os avanços no mercado de trabalho e na distribuição de renda dos últimos seis anos não entram no estudo histórico.

— A melhoria nos indicadores foi mais devagar no Rio, em todos os quesitos — afirma Neri.

De acordo com o economista, os jovens do Rio estão mais concentrados nas favelas, que reúnem 23% da população.

— O estuário de jovens cariocas são as favelas, onde a educação é a pior, e que deveriam ser uma torrente de talentos. A partir de 2016, o bônus vira um crescente ônus demográfico, que subtrai a maior de nossas riquezas, cariocas da gema. Depois de descermos do Olimpo, será preciso redescobrir as nossas fontes de talentos, da juventude.

Neri também acredita que é possível atrair cariocas de boa formação que foram embora da cidade com o esvaziamento econômico:

— Podemos aproveitar o delta dos Jogos Olímpicos como fonte de atração de talentos estrangeiros.

INSEGURANÇA NÃO DEVE AFASTAR EMPRESAS

O fato de os dados de segurança pública estarem piorando nos últimos tempos — o número de roubos em rua subiram 41,7% de janeiro a agosto deste ano — não trará consequências rapidamente, de acordo com Manuel Thedim, do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets).

— O clima na segurança pública está mudando há algum tempo. Mas isso não tem efeito tão imediato nas decisões das empresas. A violência ajudou a esvaziar o Rio nos anos 1990, mas não foi o mais determinante — afirma o especialista. (Cássia Almeida) ●

Corpo a corpo

ZUENIR VENTURA

**'Minha utopia
é escrever sobre
a cidade unida'**

Autor do livro 'Cidade Partida',
escritor diz que hoje
há consciência sobre
o abismo social

• Quase duas décadas depois de lançar o livro "Cidade Partida", após a chacina de Vigário Geral que deixou 21 mortos, como vê a situação social do Rio hoje?

Na verdade, eu tinha esperança, ouvindo várias autoridades, prefeitos, governadores, de que o Rio não era mais uma cidade partida. Cheguei a acreditar nisso, mas o Rio continua sendo uma cidade partida.

• Viu algum avanço desde a época em que escreveu o livro?

Hoje, a sociedade sabe que essa divisão existe. Não há mais essa ilusão de que é a Cidade Maravilhosa da igualdade. Existe uma contradição. Ao mesmo tempo em que é a Cidade Maravilhosa, tem o outro lado, que é o oposto disso. Essa divisão confunde muito os estrangeiros. Um amigo francês, jornalista, me perguntou: "Como pode uma cidade tão cordial, de encontros, ter tanta violência?" Ela é tão amorosa, tão amigável, recebe tão bem, como vimos agora na Olimpíada. O Rio tem essa ambivalência, esses dois lados. A grande tarefa não é omitir, é tentar unir essas duas cidades.

• E como unir essa cidade?

A cultura procura unir essas duas cidades. O que separa é a economia, mantendo essa divisão, essa esquizofrenia. O melhor da cultura nasce no morro, na periferia, com o samba, o funk. É uma questão social. Aqui não tem fundamentalismo étnico e religioso, que também divide cidades. São questões que podem ser resolvidas com vontade política.

• Como foi conviver com dois mundos tão diferentes no período em que escreveu o livro?

Passei dez meses na favela de Vigário Geral. Moro em Ipanema. Não quis morar lá, queria ter esse choque: sair de Ipanema e cair em outro universo. Isso me fez ter essa sensação física da partição dessa cidade. As pessoas eram maravilhosas. Fui depois da chacina, mas não encontrei ali nenhuma vontade de vingança. Queriam justiça e celebravam a vida. Com esse choque, eu tive a consciência real da divisão que havia na cidade. Houve uma onda de otimismo com as UPPs, mas só a polícia não ia resolver. Como dizia Betinho, precisava invadir com cidadania. O que realmente vai resolver é a ocupação com cidadania. Levar para as favelas educação e saneamento que a gente tem aqui, bem ou mal.

• O que espera para a cidade?

Minha utopia era escrever sobre a cidade unida. Não perdi esse sonho. Quando pensei no título do livro, passei noites imaginando se já não tinham usado essa imagem. Mas não se pensava nisso naquela época. Essa consciência é pós-anos 1990. Por outro lado, essa consciência não foi correspondida por providências reais. As condições de saneamento e de saúde continuam ruins. É triste. Essa é a minha utopia, a cidade unida. Amo o Rio de Janeiro. *(Cássia Almeida)* •